

## A PRODUÇÃO DE SAL MARINHO NA LAGOA DE ARARUAMA, RJ

*Gustavo Gordo de Freitas*

Grupo Gestão Econômica, de Ciência e Tecnologia dos Recursos Marinhos (CEDEPEM)

O presente ensaio tem por objetivo verificar brevemente o desenvolvimento da produção salineira ao redor da Lagoa de Araruama (RJ) e em que medida o setor funcionou com dinamizador da economia regional e estadual. Ao mesmo tempo, observar-se-á como as técnicas e tecnologias desenvolvidas ao longo dos séculos foram capazes de aprimorar a produção do sal marinho, assim como as vidas das pessoas envolvidas no processo produtivo.

A Lagoa de Araruama é considerada a maior laguna hipersalina em estado permanente do mundo. Localizada na Região dos Lagos no Rio de Janeiro, suas águas banham 6 municípios: Cabo Frio, São Pedro d'Aldeia, Araruama, Iguaba Grande, Saquarema e Arraial do Cabo. Segundo o Instituto Estadual do Ambiente, a lagoa se localiza na região hidrográfica denominada "Lagos São João", tendo volume de mais de 600m<sup>3</sup> e aproximadamente 215km<sup>2</sup> de superfície. Sua conexão com o mar (o que a torna uma laguna, não lagoa) ocorre por meio do Canal do Itajurú, em Cabo Frio (REIS et al., 1996).

Ao longo dos séculos houve uma exploração crescente dos recursos minerais ali existentes, sobretudo o sal marinho e conchas para a produção de calcário. Segundo Pereira (2010), mesmo a produção cafeeira e açucareira representando parte significativa da economia do estado do Rio de Janeiro na maior parte do século XIX e primeira metade do século seguinte, a produção salineira foi uma das atividades econômicas mais importantes da região. Esta produção veio a reboque da necessidade da promoção de certa autonomia na produção industrial brasileira. Para Costa et al (2013), o sal marinho tem valor de mineral estratégico para o Brasil, tendo-se em vista os mais de 14 mil usos atualmente conhecidos e sua utilização na indústria química nacional, ainda que no período colonial a produção salineira tenha se destinado sobretudo ao consumo humano e do gado.

Embora a região de Cabo Frio tenha sido visitada por Américo Vespúcio em 1503, sua ocupação europeia só ocorreu a partir de 1556 com a construção da feitoria "Casa da Pedra" por franceses, em associação com os índios das redondezas. 20 anos mais tarde, após a chamada "Guerra de Cabo Frio", os portugueses, juntamente com tupiniquins catequizados, poriam fim à colonização francesa ali estabelecida, bem como à Confederação dos Tamoios.

Em meados do século XVII, iniciou-se alguma exploração de sal na Lagoa de Araruama para fins de subsistência. Como a formação de sal ocorria naturalmente às margens da lagoa, este produto que poderia ser objeto de interesse econômico, acabou tendo sua exploração embargada pela Coroa Portuguesa que então fazia face a uma crise de demanda na produção salineira metropolitana (PMSPA, 2020; COSTA, 2018). Ao longo dos séculos seguintes (desde 1630 até 1801), houve uma “produção” salineira na região, a despeito de sua proibição. Desta monta surgem as bases para o início do desenvolvimento da região que se expandiu progressivamente para outras atividades econômicas ao longo dos séculos seguintes, sobretudo de gêneros alimentícios (PMCF, 2021). No século seguinte, estima-se que haviam 9 salinas, mas somente no século XIX, a produção de sal na região seria permitida, o que levaria à instalação progressiva de salinas, contando com cerca de 120 em toda a região dos lagos em meados do séc. XX (PMSPA, 2020, COSTA, 2018).

Ao longo do séc. XX, foram desenvolvidas técnicas mais eficientes de produção e refino de sal, ao lado de processos mais artesanais. A partir dos “anos 1950, [ocorre] a conversão tecnológica da Companhia Salinas Perynas [e] a instalação da Refinaria Nacional do Sal” (PEREIRA, 2010, p.185). A citada Companhia fora fundada ainda no período imperial, tendo sido a primeira empresa do tipo no país e cujo funcionamento foi autorizado por D. Pedro I, em 1823 (PMCF, 2021). A Refinaria, mais conhecida como Sal Cisne, iniciou suas atividades em 1951, com capacidade de produção de cerca de 50 toneladas de sal refinado por dia, atualmente sendo capaz de produzir pouco mais de 20 mil toneladas/mês (SAL CISNE, 2021).

Para Pereira (2010, p.187) “a região salineira fluminense apresenta-se como um laboratório para se pensar a coabitação de processos históricos distintos”, visto que podese observar a ocorrência de trocas de inversões entre os setores cafeeiro, açucareiro e salineiro ao longo do séc. XIX. Ao mesmo tempo, durante boa parte do séc. XX foi um dos principais elementos dinamizadores da economia local, ao mesmo tempo que era capaz de abastecer o mercado interno nacional. Esta capacidade, inclusive, foi determinante para a vinda de migrantes provenientes de regiões salineiras de Portugal no início deste século, bem como para movimentos migratórios dentro do próprio estado do Rio de Janeiro.

Um outro setor que Pereira (2010) aponta como tendo se desenvolvido graças às necessidades da economia salineira foi o de transportes. Visto que as linhas férreas planejadas em 1887, só terminariam sua volta ao redor da Lagoa, chegando a Cabo Frio, em 1937, a solução encontrada foi a criação de um sistema de barcas, que complementavam o sistema de transporte ferroviário. Entre 1914 e 1937, o traslado do sal entre Cabo Frio e Iguaba Grande (onde a estrada de ferro chegou em 1914) ocorria por meio de barcas. As mesmas barcas

transportavam pessoas pela Lagoa. Adicionalmente, deve-se dizer que o transporte do sal desde as salinas menores até os pontos de escoamento era feito por meio de barcos a vela ou pequenas canoas (PEREIRA, 2010, p. 190-192).

Somente a partir dos anos 1950 pode ser observado um processo de efetiva modernização na produção salineira ao redor da Lagoa, no bojo do projeto nacionaldesenvolvimentista que se iniciou no primeiro governo de Getúlio Vargas. Neste momento houve um aumento da participação da economia salineira de 3% para 6% da produção nacional em 1952 e passou a corresponder a 20% dela em 1953 (INS, 1952; 1953 apud PEREIRA, 2010). Passa-se a utilizar, por exemplo, um sistema de processamento a vácuo, que permite a liberação da produção de uma série de problemas sua dependência do clima ou de longos períodos para a secagem das salmouras. Esta tecnologia foi utilizada de forma concorrente às técnicas correntes durante muitos tempo antes que a produção local que se considerava mais arcaica, com moinhos de vento e secagem sob o sol, fossem extintas (PEREIRA, 2010).

A partir dos elementos apresentados neste escrito, pode-se observar como o setor salineiro funcionou como um dinamizador da economia fluminense, ao mesmo tempo que o desenvolvimento de novas tecnologias permitiram que este se expandisse e se dinamizasse em si mesmo. O caso da produção de sal marinho na Lagoa de Araruama é um excelente exemplo de como o desenvolvimento de atividades econômicas relacionadas ao mar e áreas costeiras é de vital importância para o desenvolvimento das comunidades litorâneas ao mesmo tempo que de todo o país. A percepção de que a exploração de um elemento que parece tão corriqueiro nas vidas das pessoas tem uma tal importância parece ser, em grande parte, o trabalho proposto pelo Planejamento Espacial Marinho.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Hana M.C.R. Industrialização e Imprensa na Formação das Salinas Artificiais na Região dos Lagos Fluminense (1850-1900). **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: Histórias e Parcerias**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <[https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529803224\\_ARQUIVO\\_HANACOSTA\\_ARTIGO\\_ANPUH.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529803224_ARQUIVO_HANACOSTA_ARTIGO_ANPUH.pdf)>. Acesso em: 24 mai. 2021.

COSTA et al. Breve revisão sobre a evolução histórica da atividade salineira no estado do Rio Grande do Norte (Brasil). **Sociedade e Natureza**, v. 25, n. 1, 2013, Uberlândia, p. 21-34. Disponível em: <[http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/13884/pdf\\_1](http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/13884/pdf_1)>. Acesso em: 24 mai. 2021.

BRASIL. INS. **Produção de Sal no Brasil**. Ano calendário de 1952. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

BRASIL. INS. **Produção de Sal no Brasil**. Ano calendário de 1953. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

PMCF. **Do Período Colonial até Agora: Cidade Histórica**. Prefeitura Municipal de Cabo Frio (2021a) Disponível em: <<https://cabofrio.rj.gov.br/historia>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

PMCF. Perynas. **Secretaria de Turismo de Cabo Frio** (2021b). Disponível em: <<https://turismo.cabofrio.rj.gov.br/perynas/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

PMSPA. **Prefeitura Aldeense entrega obra do 1º Museu do Sal do Brasil**. Prefeitura Municipal de São Pedro da Aldeia. Disponível em: <<https://pmspa.rj.gov.br/prefeitura-aldeense-entrega-obra-do-1o-museu-do-sal-dobrasil/>>. Acesso em: 24 mai. 2021

PEREIRA, Walter L.C.M. História e Região: Inovação e industrialização na economia salineira fluminense. **Revista de História Regional**, v. 15, n. 2, 2010, p. 184-210. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2377/1872>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

REIS et al. Distribuição das Macroalgas na Lagoa de Araruama, estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 19, n. 1, jun. 1996, p. 77-85. Disponível em: <[https://www.academia.edu/21588641/\\_Distribui%C3%A7%C3%A3o\\_das\\_macroalgas\\_na\\_Lagoa\\_de\\_Araruama\\_estado\\_do\\_Rio\\_de\\_janeiro\\_Brasil](https://www.academia.edu/21588641/_Distribui%C3%A7%C3%A3o_das_macroalgas_na_Lagoa_de_Araruama_estado_do_Rio_de_janeiro_Brasil)>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SAL CISNE. **A Empresa: Refinaria. Refinaria Nacional de Sal S.A.** (2021) Disponível em: <<http://www.salcisne.com.br/empresa.php>>. Acesso em: 24 mai. 2021.